

SEMÂNTICA LEXICAL E COMPARAÇÃO INTERLINGUÍSTICA NOS TEXTOS CHIARIANOS DURANTE O PROCESSO DE TRADUÇÃO¹

*SEMANTICA LESSICALE E CONFRONTO INTERLINGUISTICO NEI
SCRITTI CHIARIANI DURANTE IL PROCESSO TRADUTTIVO*

Regina Célia Pereira da Silva
Università degli Studi di Firenze, Itália

RESUMO: No âmbito da tradução e durante o desenvolvimento do processo de tradução, portanto, entre os ‘atores-tradutores’, existe, muitas vezes, a necessidade de uma discussão das categorias linguísticas adquiridas, assimiladas e inerentes à própria formação, quando a narração que deve ser traduzida pede uma introspeção pessoal. A finalidade do método intercultural está orientada para os utilizadores últimos do texto e apresenta uma premissa imprescindível, isto é, o conhecimento aprofundado dos elementos sociais, linguísticos e culturais peculiares de um público específico. Este aspeto pressupõe uma transferência cultural que conheça as exigências dos espaços culturais de receção. Este estudo mira evidenciar a natureza e o protótipo da relação entre os textos de Chiara Lubich e a sua tradução noutras línguas enraizadas em culturas Outras.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, o outro, ambivalência, ética, Chiara Lubich.

RIASSUNTO: In ambito traduttivo e durante lo sviluppo del processo di traduzione, quindi, tra i traduttori-attori, frequentemente, c’è bisogno, di un confronto o discussione sulle proprie categorie linguistiche acquisite, assimilate e inerenti alla propria formazione, quando si ha davanti una narrazione che esige un’introspezione mirata alla traduzione. L’orientamento del metodo interculturale è rivolto a coloro che saranno gli ultimi utenti del testo e ne presenta una premessa inseparabile, vale a dire la conoscenza approfondita degli aspetti sociali, linguistici e culturali peculiari di determinato pubblico. Presuppone quindi un trasferimento culturale che conosca le esigenze dello spazio culturale ricevente poiché esse determinano e selezionano ciò che può e deve essere tradotto. Il nostro studio mira a evidenziare la natura e il prototipo del rapporto tra gli scritti di Chiara Lubich e la loro traduzione in altre lingue innestate nelle culture Altre.

PAROLE-CHIAVE: traduzione, l’altro, ambivalenza, etica, Chiara Lubich.

1. INTRODUÇÃO

A área da comunicação constitui o campo de trabalho do tradutor, o que significa que o desenvolvimento de uma relação interpessoal se encontra englobada no próprio processo de tradução. No entanto, o interlocutor do tradutor não se limita a um só, mas destina-se a uma coletividade inteira que só por si é sinónimo de cultura, de tradição, de hábitos e costumes. Não existe, pois, tradução sem uma reflexão sobre a própria língua e cultura, sobre aquilo que lhe é inerente, sobre a ideia que temos do significado de uma determinada palavra e, obviamente, sobre a ideia que temos do mundo e dos nossos semelhantes. Existe, então, a necessidade de uma discussão das categorias linguísticas adquiridas e assimiladas.

2. A PALAVRA, CONTEXTO E INTERTEXTO

Durante o século XX, a filosofia da linguagem focalizou-se, principalmente, no estudo específico da semântica. Depois de muitos anos em que dominava o paradigma saussuriano e estruturalista, de acordo com o qual, a semiologia tem como subdisciplina a linguística e a sociologia, enquanto que, como objeto, a vida dos sinais no âmbito da vida social, torna-se evidente que a linguagem tem uma dimensão específica, bem determinada, a qual remete para o contexto que lhe deu origem, isto é, a situação comunicativa vivida. É obvio que todos os contactos e relações humanas transportam consigo valores, significados e expressões ambivalentes que se entrelaçam. Frequentemente, o sentido duplo, gera tensões e momentos comunicativos de mal-entendidos. Portanto, não basta falar a mesma língua, nascer e crescer na mesma comunidade social, partilhar a mesma cultura, os mesmos costumes e hábitos para compreender realmente o que o outro ‘disse’. De facto, é necessário entrar no significado mais profundo da palavra, para não criar equívocos. As palavras são o espelho mais direto e imediato da forma como conceitualizamos o mundo e a experiência. Cada conceito lexical é fruto de uma experiência vivida, de uma abordagem cognitiva relativa a uma situação concreta.

A semântica lexical, isto é, o estudo do significado que se concentra na especificidade das palavras, constitui o processo de interpretação que cada um usa durante a comunicação.

I principi epistemici che stanno alla base della costruzione di campi esperienziali e semantici sembrerebbero essere in prima battuta i principi di affinità e contrasto, il saper cogliere similarità e differenze. (BASILE, 2001, p.147)

A essa palavra atribuímos um determinado significado, dando-lhe a melhor aceção entre aquelas possíveis; todavia, não é sempre fácil encontrar o sentido mais adequado às palavras porque, muitas vezes, os termos possuem múltiplos significados. É necessário, portanto, seleccionar o mais adequado, através do processo de desambiguação ou teoria dual

dos conceitos (Faschili, 2014). Ora, para atuá-lo, torna-se imperativo conhecer os *contextos experienciais*, gerados pela inter-relação entre o mundo extralinguístico (*experiência*) e as nossas capacidades de expressão (*palavra*). Além disso, a competência lexical, ou seja, a nossa capacidade para usar as palavras baseia-se, quer no acesso a uma rede de conexões entre uma palavra e as outras palavras (por exemplo, um *gato* é um *animal*, para *viajar* temos que *nos mexer*), quer na capacidade de criar correspondências entre as diferentes unidades lexicais e o mundo real, selecionando a palavra certa como resposta a um determinado objeto ou circunstância e vice-versa (objeto-palavra).

Se as palavras fazem parte de um texto ou comunicação, fruto de uma forte experiência mística e espiritual, o estudo da semântica lexical torna-se imprescindível para a sua compreensão e a relação interlinguística entre texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC) do processo de tradução, não o pode ignorar porque

Lo studio del linguaggio delle esperienze spirituali, come sono sgorgate e trasmesse, si rivela di una importanza decisiva per essere fedeli alla realtà che lo Spirito Santo ha voluto manifestare nella Chiesa. (CERVERA, 2019, p.107)

O místico tenta transmitir as experiências que viveu por meio de palavras. Às vezes, a língua revela-se limitada, a experiência feita inenarrável e brota uma espécie de luta com a própria língua (Certeau, 1987, p.172) que vai para além das regras linguísticas, aliás, quebra-as e chega ao excesso do uso de figuras e estruturas retóricas do discurso. É neste contexto que a linguagem do místico pode vir a criar novas formas linguísticas, originais, que vão para além do cânone linguístico oficial porque o património linguístico específico do místico não se encontra na linguagem abstrata típica da especulação, mas naquela que transmite sentimentos e emoções. Por isso, para penetrar de modo profundo nas palavras e nos textos místicos, é necessário partir da interpretação e decifração do texto, utilizando uma tríplice abordagem: linguística, estrutural e semântica, para chegar a uma compreensão e tradução adequadas.

3. A PALAVRA NOS TEXTOS CHIARIANOS

Elementos constitutivos, por excelência, da experiência espiritual de Chiara Lubich (1920-2008) são a comunicação e a palavra. Chiara desejava, fortemente, que todos participassem e revivessem aquela experiência mística que denominou Paraíso 49, por isso, não se retira num convento, mas decide permanecer no meio mundo, apesar da guerra (falamos da Segunda Guerra Mundial) ser uma realidade cruel que envolvia a maioria das nações do mundo. Já em 1959, o seu Ideal lhe dizia para ficar ‘misturados entre todos, / homem ao lado do homem’ (Lubich, 2003, p. 27) para poder comunicar, oralmente ou por

escrito², a descoberta divina que ela tinha feito: Deus Amor. Para ela, esta descoberta, é nascente de uma nova vida, de uma mudança de vida e até de uma mentalidade.

Como se sabe, na História da Igreja, existem outros fundadores de Ordens Religiosas que comunicaram a própria experiência mística, como por exemplo:

- *Francisco de Assis* (1181 ou 1182 - 1226) e os seus primeiros companheiros falavam entre eles inspirados pelo Espírito Santo; Francisco, que se autodefinia ignorante, deixou no seu património vários escritos. Não esqueçamos que estamos a falar do século XII, época na qual saber escrever não era absolutamente comum. De facto, mesmo se Francisco ditava e outros escreviam, ele era muito rigoroso no que dizia respeito ao conteúdo, pois, sentia-se chamado a comunicar oralmente e por escrito a Boa Nova. Vejam-se as suas cartas, onde transmitiu as disposições legislativas, exortou e aconselhou os frades e os fiéis, louvou a Deus.
- Também para a *Ordem dos Pregadores*, é fundamental a temática da proclamação do amor misericordioso de Deus e da salvação da humanidade. A feliz expressão de Tomás de Aquino ‘contemplar e comunicar aos outros o que se contemplou’³ sintetiza a espiritualidade dominicana: acolher a experiência da misericórdia de Deus e comunicá-la. Domingos de Gusmán (1170-1221), foi um homem de diálogo e comunicação espiritual, o seu método era a pregação. (AA.VV., 2001 e Marie-Humbert, 1997, p. 157-169)
- Por seu lado, *Inácio de Loyola* (1491-1556), parte do conhecimento das coisas na sua origem, na fonte, no seu valor específico, com uma fé que em cada realidade humana se reconhece a ordem divina, de modo a comunicar ao próximo as coisas do Senhor tal e qual as recebia de Deus. Atuava assim, não porque tinha pensado agir desse modo, mas porque, por experiência, descobriu que quando comunicava ao próximo as coisas que Deus lhe doava, elas não diminuía nele, mas cresciam ainda mais. Uma descoberta fundamental. A vocação “apostólica” de Inácio impõe-se-lhe com a própria força de um impulso interior que contém em si a sua prova: comunicar ao próximo “as coisas de Deus” significa abrir-se ainda mais ao próprio Deus (Giuliani, 2019, p. 80).

Comunicar a própria experiência aos outros, é fundamental para Chiara Lubich, principalmente àqueles que a seguem, mas simplesmente ‘comunicar’ não lhe basta, pois,

2 Só em língua italiana, a bibliografia de Chiara apresenta cinquenta e oito volumes, centenas de artigos e milhares de cartas. Além disso, existem ainda outros escritos chiarianos inéditos nos arquivos da *Opera de Maria*, em Roma.

3 O olhar voltado para Jesus para segui-lo e a compaixão pela humanidade estão no coração da vida dos dominicanos inteiramente orientada para o diálogo como missão.

deseja envolvê-los, imediata e diretamente, nessa experiência, ser protagonistas em primeira pessoa. Por isso, afirma

[...] il cuore ha bisogno di comunicare come della vita. [...] esser [...] senza esser comunione è un tormento, la morte [...] (da uno scritto del '49, cpv 388 e 389)

L'impossibilità di comunicare che provai [...] mi fece capire che essere anche Dio per partecipazione ma non essere amore e quindi non poter comunicare [...] è l'inferno. [...] (da uno scritto del '49, Nota 51)

Sim, porque comunicar implica o outro, a relação com o outro, o irmão, via para chegar a Deus. Então, comunicação e relação são realidades inerentes uma à outra numa relação de doação recíproca. Ícone dessa relação é a experiência de 1949 que nasceu, precisamente, de um Pacto de Unidade feito entre duas pessoas, fruto de um ato de amor concreto.

Chiara, quando comunica usa a língua italiana e o dialeto trentino. Se considerarmos que descrever uma linguagem é, na realidade, descrever um modo de vida, então, traduzir signos verbais significa:

[...] “viverli e riviverli in un lavorio di scavo e approfondimento del loro senso [nell'insieme del testo] che può avere un limite ultimo solo con l'estinguersi dell'esigenza soggettiva, in quanto si confonde con l'intero fluire della vita stessa”. (De Mauro, 2019, p.198).

Portanto,

[...] sembra imprescindibile che il [lettore o] traduttore abbia nel suo patrimonio personale di vita la partecipazione all'esperienza e al carisma specifico della Lubich per poterne, conoscendo dal di dentro, trasmettere il messaggio, ivi nascosto, in modo profondo e fedele. (SILVA, 2017, p.192)

É certo que a linguagem do místico se encontra enraizada na experiência feita por ele, fala diretamente aos corações e vai para além das palavras. Neste sentido, a tradução dessa experiência exige a inserção do próprio tradutor nessa mesma experiência. É por isso que traduzir Chiara significa, *ante omnia*, inserir-se (entrar) na experiência espiritual que ela viveu, significa coparticipar da experiência iniciada por ela senão. Caso contrário, corre-se o risco de tropeçar em interpretações duvidosas ou equivocadas. Assim, só a adesão sem cálculos e sem limites, quer dizer, pondo completamente em jogo as próprias competências, pensamentos e inteligência (aspetos que os membros internos da Obra de Maria já fazem), se poderá abrir o vasto horizonte linguístico e cultural que o processo de tradução de um texto místico implica. A constante partilha dialética do discurso, das escolhas linguísticas e das figuras estilísticas, ilumina e enriquece cada um dos textos de chegada, em cada língua e a linguagem que realmente pode exprimir a novidade comunicada por Chiara, emerge clara e expressiva como fruto daquela experiência.

No entanto, é evidente, que as línguas divergem precisamente, no modo como se segmentam e associam à mesma conotação, uma determinada expressão. Cada língua configura os chamados âmbitos significativos ou campos associativos, isto é, os grupos de palavras e expressões cujos significados são solidários entre eles e se completam reciprocamente. Torna-se essencial, então, para a compreensão completa do texto, a associação frasal semântica.

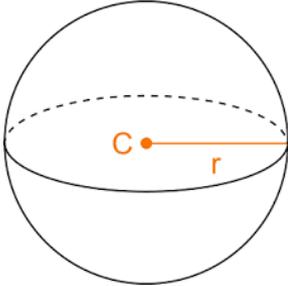
Ex: A palavra - *custar* (verbo intransitivo): indica 'requer esforço' ou 'quantia a pagar'?

Qual é o significado final da palavra?

Tudo depende do contexto. Através da análise do contexto no qual se encontra inserido o vocábulo, podemos chegar ao significado da palavra específica, seguindo um processo de compreensão através da interpretação ou da associação.

Transfiramo-lo, então, para o âmbito da experiência mística, onde a palavra é intrínseca e extrinsecamente inerente ao contexto e as palavras individuais devem ser compreendidas quando inseridas na narração, de forma a identificar a verdadeira conotação que lhe foi atribuída pela autora. Tenha-se presente que o protagonista da narrativa é a Alma, “Nós éramos a Alma.” (de um escrito de Chiara Lubich Parág. 36), isto é, um pequeno grupo de pessoas - Chiara, Foco e as popas⁴ - que se tornam numa só coisa, *il drappello* (esquadra⁵, grupo). É imprescindível que o tradutor, ao identificar as específicas unidades lexicais e durante o processo das escolhas linguísticas para o texto de chegada, conheça o contexto do texto de partida em todos os seus campos (histórico, político, social, cultural, religioso), para poder transferir o significado específico do campo semântico lexical, na língua de chegada, sem esquecer a acessibilidade que deve caracterizar o texto de chegada.

Nesta linha de trabalho, foram identificadas algumas unidades lexicais complexas presentes nos textos chiarianos. Aqui, apresentamos apenas alguns exemplos representativos, que podem servir como matéria de reflexão ou simplesmente como elementos funcionais para futuros estudos.

Expressões ambivalentes	Conhecimento de base	Significado Chiariano
<p>[...] Nós éramos, na verdade, tão fundidas em um [...]. (par.36)</p> <p>A Alma una, das duas e das muitas unidas a nós, [...] (par. 47)</p>	<p>Fundir: passagem de um corpo do estado sólido ao líquido; a reunião de vários elementos para formar um único todo.</p> <p>Um: primeiro número; único.</p>	<p><i>Compactos, unidos, eram uma realidade, não só com a vontade, mas também com a mente.</i></p>
<p>Primeiro eu tinha a impressão de subir de esfera em esfera e de ver o mundo sempre mais distante. (par. 75)</p>	<p>Em geometria, figura sólida formada por pontos no espaço tendo um ponto fixo (centro esquerdo) com uma distância menor ou igual a um dado segmento (raio esquerdo).</p> 	<p>O uso desta imagem provavelmente se deve ao fato de que tudo era como o sol.</p> <p><i>A esfera é o sol, todo fogo, único, esférico. O mundo também era esférico.</i></p>
<p>[...] Nessa dialética das coisas criadas, para fazer unidade de dois é necessário que um seja nada e permaneça no nada. (par. 77)</p>	<p>Nada; Na linguagem filosófica “o não ser”.</p>	<p>[...] A realidade anterior é anulada porque está contida na seguinte, portanto, para criar a unidade entre o passado e o presente, uma das duas deve ser anulada, porque está contida na outra. (n.90)</p> <p>1 + 1 = 1</p> <p><i>Não ser, para ser.</i></p>

<p>Você será o meu eco. E eu serei seu. (par. 110)</p>	<p>Fenômeno acústico em que o som, refletindo-se contra um obstáculo, pode ser ouvido novamente no ponto em que foi emitido.</p> <p style="text-align: center;">A B</p>	<p>Para aqueles que se unem (na unidade), cada um se torna o eco do outro. (n. 122)</p> <p><i>O que ele lhe deu retorna enriquecido. (Amor / ideia / pensamento)</i></p>
<p>[...] Também expandiu dentro de nós o que chamamos de “a voz” [...] a potencializava como um alto-falante, de forma que a distinguíamos muito bem, mesmo em meio à infinidade de ruídos do mundo . (par. 9)</p>	<p>Conjunto de sons articulados, emitidos pelo homem. Canal vocal.</p>	<p><i>Não há emissão de nenhum som, mas nasce do íntimo do homem. Faz você refletir, pensar, decidir e agir. A voz da consciência.</i> “Aquele voz “<i>presente no coração, no íntimo de cada um de nós.</i></p>
<p>Ou melhor, tudo isso vice-versa: porque você me dirá: “Amor”⁶ e encontrará a mim, feita Amor. E eu repetirei: “Amor” e reencontrarei você. (par. 111)</p>	<p>Dizer: Falar, proferir, expressar.</p> <p>Repetir: executar novamente. Subir. Fazer isso novamente.</p> <p>Reencontrar: encontrar novamente. Descobrir através de diferentes estudos.</p>	<p><i>Parece haver uma relação de Amor, que não é aquele entre os cônjuges, mas outra coisa, que implica o transcendente. Um ama o outro e diz, e é, é Amor. Mas o outro também é, porque diz Amor; ama, então se encontra no Amor que é o outro. (n. 123 e 124)</i></p>
<p>[...] todas as palavras, à medida que as leio, se iluminam. (Par. 113)</p>	<p>Iluminar com luz. Fonte de luz. Intelecto: Luz do conhecimento.</p>	<p><i>As palavras são esclarecidas, compreendidas, podem ser penetradas e se tornam vida real.</i></p>

Ora, as palavras de Chiara não provêm de uma simples teoria religiosa, mas são fruto de uma vida real, concreta, emersa do encontro com o Outro. O tradutor somente penetra naquela realidade vivida pela Alma e entende as palavras em seu próprio contexto, traduzindo-as para a língua de chegada, se fizer essa mesma experiência de se doar a si mesmo, dizendo.

6 Aqui, “dizer ‘Amor’” significa amar. No paraíso o “dizer” é “dar”. Acontece como em Maria na terra: Ela não “disse”, mas “deu” Jesus; por isso é a Rainha dos apóstolos. Assim como o Verbo é a Palavra do Pai e é Ser, assim também, na experiência do Paraíso, a palavra é Realidade: não é nunca palavra vazia; dizer é ser, ser amor.

4. CONCLUSÃO

O diálogo, portanto, não nasce de um “mais isso”, de um “é demais” ou de um “cheio”, mas nasce de uma necessidade, de uma “privação”, de um “vazio”, de um “não” e isto significa conhecer a necessidade do outro para a partilha e, se possível, dar o primeiro passo. É uma arte que exige humildade e amor por Aquele que foi o nada por excelência, Jesus na cruz que se sentiu-Abandonado por todos, pelos homens e pelo seu Pai. Para que se possa ser digno de entrar no Seio do Pai, juntamente com a Alma, é preciso ser um pouco como Ele, nada.

O diálogo supera de longe a tolerância [...], o diálogo é enriquecimento mútuo, amar-se, sentir-se já irmãos, criando a fraternidade universal nesta terra [...]. Claro que o diálogo é verdadeiro, se for animado pelo amor verdadeiro. O amor verdadeiro é verdadeiro, se não tem interesse, senão, não é amor, que amor é? É egoísmo [...]. Diálogo significa amar, doar o que temos dentro de nós, por amor ao outro e depois também receber e enriquecer-se [...] Para chegar a um valor que é a fraternidade universal.⁷ (Chiara Lubich, Encontro com amigos do Movimento dos Focolares, Castelvandolfo, 02/08/1998)

Chiara descreve com muita simplicidade o que acontece todas as vezes que o tradutor realmente se põe em jogo e doa, realmente, o que tem no seu íntimo!

Além da palavra, além do significado da frase ou da sua relação com o texto e /ou com as palavras, existe outro elemento no texto místico que exige a sua tradução durante o processo tradução, qualquer coisa que existe antes da língua e que vai para além da língua, qualquer coisa que pode ser usada em todas as línguas sem que a sua força intrínseca diminua.

O trabalho de tradução dos textos chiarianos, exige de facto, um confronto e, portanto, nunca pode ser um trabalho individual, mas é um trabalho comunitário. De facto, ele implica um verdadeiro jogo pericorético, dinâmico e recíproco que se refletirá em ‘infinitos tons’ linguísticos, onde cada tradutor, no seio do seu próprio grupo, participará de forma ativa ao comunicar a sua própria ideia, isto é, ao *doá-la* completamente e, perdendo-a (quer dizer, *anulando-se*), reencontrá-la-á, devolvida pelo mesmo grupo, porém, purificada, esclarecida, verdadeiramente mais sua porque fruto dessa convivência com os outros.. Consequentemente, torna-se essencial o que o outro me restitui, porque, se o pensamento, como um raio, parte de mim para o outro e o outro é para mim um espelho, transparência do divino, então, ele reflete em mim aquela Luz e a devolve a mim. Mas, de que maneira me devolve? Purificando-o dos apegos, isto é, do facto de que é meu. Recebo um pensamento novo que não é o meu, nem o do outro, mas de um terceiro pensamento. Portanto, não é mais importante aquilo que eu penso e digo, mas aquilo que o outro (ou os

outros) me restituem, devolvendo-mo purificado, encontro então o meu pensamento com uma transparência e potência novas, coisa que eu nunca teria imaginado.

Esta é, pois, a exigente experiência pessoal pedida ao tradutor que, se feita de modo coletivo, recíproco e não hegemónico, de maneira surpreendente, o ‘grupo-tradução’ irá gerar o texto de chegada que será expressão coletiva, na qual todos se reencontraram completamente, porque o texto de chegada se encontra formado por aquelas unidades lexicais típicas daquela determinada cultura e expressas com aquele património linguístico particular. Nasce, assim, o texto de chegada-tibetano, guarani, berbere ou maori.

Uma prática nova, uma metodologia de tradução intercultural e interlinguística nova que se baseia no mútuo e profundo conhecimento linguístico e cultural. Uma prática que pressupõe o respeito e a confiança total no outro, ouvindo-o profundamente, com o silêncio da mente e do coração. Inevitavelmente, o texto de partida fará brilhar o texto de chegada e vice-versa, o texto de chegada iluminará o texto de partida, transformando-o numa flor rara. Claro que seria desejável que este jogo fosse feito também de forma transversalmente entre as línguas e com a língua de partida. Só assim, em todos os contextos culturais e linguísticos, poder-se-á reviver e atualizar aquela experiência histórica, mística, vivida pela Alma em 1949.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:

AA. VV. **Il Patto '49 nell'esperienza di Chiara Lubich, percorsi interdisciplinari.** Roma: Città Nuova, 2012, p. 11-25.

AA.VV. Alle frontiere della cristianità: i frati mendicanti e l'evangelizzazione tra '200 e '300. In: **Atti del convegno internazionale**, Assisi 12-14 ottobre 2000, Spoleto 2001.

AA. VV. Etica e politica: le teorie dei frati mendicanti nel Due e Trecento. **Atti del convegno internazionale**, Assisi 15-17 ottobre 1998, Spoleto 1999.

ATZORI, Maria Caterina. **Dal linguaggio chiariano un nuovo modello antropologico**, (breve spunti di riflessione a partire da alcuni scritti di Chiara Lubich), in occasione del Convegno del gruppo di LFL a João Pessoa, Brasile, outubro 2019.

BASILE, Grazia. **Le parole nella mente, relazioni semantiche e strutture del lessico.** Milano: Francoangeli, 2001.

CERTEAU, M. de. **Fabula mística.** Bologna: il Mulino, 1987.

CERVERA, Jesus Castellano. Una nuova luce per la teologia spirituale. In: **Rivista Umanità Nuova**. n. 234, Roma: Città Nuova Editrice, 2019.

DE MAURO, Tullio. **Il valore delle parole.** Torino: Treccani, 2019.

- ECO, Umberto. **Semiotica e filosofia del linguaggio**. Torino: Einaudi, 1984.
- ____ **Dire quasi la stessa cosa**. Milano: Tascabili Bompiani, 2010.
- FASCHILI, Claudio. **Come comprendiamo le parole. Introduzione alla semantica lessicale**. Milano: Mondadori Università, 2014.
- LUBICH, Chiara. Paradiso '49, una narrazione vent'anni dopo. In: **Rivista Nuova Umanità**. N. 234, Roma: Città Nuova, 2019.
- ____ Paradiso '49. In: **Rivista Nuova Umanità**. N. 3, Roma: Città Nuova, 2008.
- ____ **L'attrattiva del tempo moderno**, scritti spirituali/1. Roma: Città Nuova, 2003.
- ____ **Gesù in Mezzo**. a cura di J. M. Povilus e Donato Falmi, Roma: Città Nuova, 2019.
- MARTINO, Marco. **Intervista a Giuseppe Maria Zanghi, la sfida culturale del Carisma dell'Unità**. Roma: Città Nuova, 2015.
- MARIE-HUMBERT Vicaire O. P. **Dominique et ses Prêcheurs**, Fribourg, 1997.
- MAURICE, Giuliani. La via di Ignazio Di Loyola, Un ritratto spirituale di «opposizioni dialettiche». In: **Rivista La civiltà Cattolica**. Quaderno 4 045, volume 1, Roma, 2019, p. 71-83.
- NIDA, Eugene. Principi di traduzione esemplificati dalla traduzione della Bibbia. In: A.A.V.V., **Teorie contemporanee della traduzione**, Milano: Bompiani, 1995.
- ROSSI, Anna Maria. Introduzione, In: CIARDI, Fabio, **Viaggiando il Paradiso**, Roma: Città Nuova, 2019.
- SILVA, Regina C. Pereira da. Problematiche di traduzione in Guardare tutti i fiori di Chiara Lubich. In: **Il dire è dare**, Roma: Città Nuova, 2017, p. 183-198.
- Vocabolario **Treccani**.it.
- ZANGHI, Giuseppe Maria. **Leggendo un Carisma**. Roma: Città Nuova Editrice, 2013.
- ____ Cultura e culture nella mistica di Chiara Lubich. In: **Rivista Nuova Umanità**. N. 235, Roma: Città Nuova, p.119-129.